manchete

Diário Económico	Periodicidade: Diário	Temática: Política
	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 446
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
05-09-2013	Tiragem: 18714	Página (s): 2

Os governantes têm de ser os primeiros a acreditar na recuperação do país. Porque ninguém quer seguir um líder, seja Passos ou Rajoy, que não procure uma saída para os problemas do seu próprio país.

Rafael Marchante / Reuters

E Espanha aqui tão longe

Helena Cristina Coelho
Subdirectora
helena.coelho@economico.pt

Espanha não vive dias melhores que Portugal. Mesmo com as exportações a crescerem ao ritmo de 8%, com a economia a dar sinais de inversão, com previsões de crescimento económico de 0,5% e mesmo com uma ligeira redução do número de desempregados em Agosto, o certo é que o país vizinho continua com uma alarmante taxa de desemprego de 26% (são perto de cinco milhões de espanhóis sem trabalho) e tem ainda muitas reformas para fazer e sindicatos para enfrentar até descolar do clima de crise e recessão. Nada, contudo, que tenha impedido o ministro espanhol da Economia, Luis de Guindos, de falar ontem em crescimento, recuperação e ganhos de competitividade do país. Ou de realçar os efeitos positivos das políticas de austeridade na Europa (que já se começam a sentir, diz) ou de recordar o esforço de moderação salarial feito nos últimos tempos (que já serviu para travar a destruição do emprego, diz também). Um banho de optimismo apenas superado pelo discurso de 'rentrée' política de Mariano Rajoy no último fim-de-semana. Perante milhares de militantes, o líder do Partido Popular encheu o peito, disfarçou as mensagens sobre crise com expressões como 'orgulho', 'coragem' e 'cabeça erguida' e prometeu que, dali a um ano, estaria de volta para anunciar uma descida de impostos. Note-se que disse "anunciar", que daí até "fazer" vai um salto olímpico.

Verdade ou pura demagogia – é preciso não esquecer que o governo de Rajoy está a cair a pique nas sondagens e as suspeitas de contas paralelas e ilegais no partido há muito que minam a sua credibilidade, pelo que uma novidade assim faz milagres pela popularidade –, o certo é que o discurso marca uma atitude que empolga os espanhóis e os leva a acreditar que, mais dia menos dia, o país irá superar a crise – e que isso só dependerá deles.

Do lado de cá, o discurso é outro. No mesmo fim-de-semana, Passos Coelho falou, mas as suas palavras não foram de optimismo ou esperança. Foram de crítica aos juízes do Constitucional, de ameaça com um segundo resgate, de aviso para tempos que se avizinham ainda mais austeros, apesar dos últimos indicadores económicos até serem animadores e fazerem sonhar com o fim da espiral recessiva. A economia portuguesa não está muito melhor que a espanhola, nem está isenta de menos embates ou provas mais duras nos próximos tempos. Mas também não está assim tão mal que a impeça de reduzir a dose de austeridade e trabalhar para o crescimento económico. Só que, para isso, os governantes têm de ser os primeiros a acreditar nisso. Porque entre um líder que batalha pelo orgulho do seu país e outro que baixa a sua moral, o que leva alguém a querer seguir o segundo? ■

Alvos fixos A novela 'swap' regressou à agenda nacional. Primeiro, por via das comissões parlamentares de inquérito que voltam a esmiuçar contratos, depois, pela mão do Santander que avançou com um processo contra o Estado português. O caso já fez rolar cabeças, colocou muitos actos de gestão em causa e promete repetir a dose, fazendo decerto mais vítimas pelo caminho. Entre a polémica e as culpas, continuam a faltar esclarecimentos sérios sobre o que realmente aconteceu e garantias de que o custo de eventuais actos incompetentes não vai esmagar de novo as contas dos contribuintes portugueses. Para isso, já chega bem a factura de outras novelas como a do BPN...